PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

ANO 2
SETEMBRO/2020

EDIÇÃO ESPECIAL
PEDRO CASALDÁLIGA

EDITORIAL

A literatura tem algum dever ético? A pergunta pode ser generalizada para a arte em geral. O artista é jungido a se posicionar eticamente no interior da obra que produz? Ou essa pauta prévia constrange a tão festejada autonomia da arte? É claro que o escritor faz o que bem entende, mas será menos considerado pela crítica ao mandar a ética às favas? Essa discussão já aconteceu com Nabokov, por exemplo. O autor de Lolita foi proibido em dezenas de países. A obra não tece qualquer censura à paixão do velho escritor por uma ninfeta com a qual mantem uma relação de recíprocos assédios. A linda de responsabilidade dos personagens é tão tênue que revolta os mais pudicos patrulheiros do politicamente correto. Ao não se posicionar contra o tabu, Nabokov constrange o leitor que ficará perdido. Podemos atualizar a discussão e ampliá-la para questões contemporâneas: raça, religião e gênero. O escritor precisa ter lado?

Esse preâmbulo nos pareceu apropriado ao refletir sobre a obra de Pedro Casaldáliga. Terá sido ele um escritor que virou padre ou um padre que virou escritor? Antes de prosseguirmos, é de se esperar citar o poeta D. Aquino Correa, um autor pouco conhecido do cenário nacional que pertenceu à Academia Brasileira de Letras, mas consagrado no berço em que nasceu e atuou. Versejando no estilo parnasiano, Aquino combatia os vícios caprichosos do romantismo, identificando sempre o "bom" com o "bem". Para o autor de Terra Natal, o ofício de escrever bem está umbilicalmente condicionado a ser bom. Daí que muitos poemas são prédicas.

A arte foi usada para catequisar, além de consolidar antigas imagens de um sertão idealizado. Se os escritores malditos dos séculos XIX e XX mandam pudores morais às favas, Aquino subjuga a autonomia da arte em nome da religião. O bispo-escritor vale-se da literatura enquanto instrumento, uma ferramenta para propagar valores cristãos e o imaginário regionalista que prometia prosperidade. Era talentoso, sem dúvida alguma. Mas não deixava de fazer proselitismo poético, se é que podemos classificar assim. Mas e Casaldáliga? Qual o viés era prevalente, o humano ou o divino? A arte ou a missa? O nosso homenageado submeteu a poesia ao missal romano? Definitivamente a resposta é negativa.

É bem verdade que Casaldáliga lamenta a humanidade cruel, opressora e contraditoriamente desumana, distante do Deus que acreditava. Mas não faz prescrição na literatura que compunha. Sim, comunga com o sistema literário regionalista ao projetar um cenário desolado de um sertão ilhado, abandonado, precário. No entanto, não se trata da terra pródiga e convidativa de Aquino ou do charco mágico de Manoel de Barros. É justamente o contrário. Casaldáliga opõe-se ao resultado do sonho de Aquino: denuncia a devastação ambiental, a concentração de renda e de terra, a intolerância com os povos indígenas, a exploração da infância, enfim, faz a poesia combater os novos mitos do agronegócio. De certa forma, também faz um contraponto à evasão abstencionista de Barros, afirmando-se como um homem que não quer fugir, não quer partir à cata das insignificâncias do subjetivismo extremado.

A questão é saber se, ao organizar uma cartilha politicamente correta para os dias atuais, Casaldáliga não faz o lirismo ceder à retórica política. Porque, na oposição frontal de dois modelos, é muito comum que as antíteses aproximem-se involuntariamente. Quem melhor pode destrinchar essa tensão é Edson Flávio que faz a curadoria dessa edição especial. Sua tese doutoral dedica-se a refletir sobre a obra de Casaldáliga. Temos aqui uma seleção de poemas que gravitam em torno da obsessão temática do poeta, reação combativa e inconformada, felizmente sem a pretensão prescritiva.

Ainda que o aspecto telúrico seja o alvo do nosso homenageado, a miúde alinhado com sua terra e sua gente, o nome de Casaldáliga transcende ao regionalismo. Não só pelo engajamento contra a ditadura militar e suas políticas de ocupação arbitrária do sertão brasileiro, mas pela força estética da qual brotam "margaridas da utopia impossível". Essas flores do lirismo de Casaldáliga formarão um latifúndio autoral para o qual o bispo incentivaria a invasão e a desapropriação. Assim o fazemos.

Eduardo Mahon
Editor Geral

SUMÁRIO

2 Editorial
6 Olga Maria Castrillon-Mendes
8 Pedro Casaldáliga
60 **Aruã Callil**
62 Edson Flávio dos Santos

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Colaboradores desta edição: Olga Maria Castrillon-Mendes, Pedro Casaldáliga, Edson Flávio.

Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba
Artista Visual Convidado: Aruã Calil

NUM PESCAR DE OLHOS

Olga Maria Castrillon-Mendes
É professora do Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, dos Programas de Mestrado Profissional em Linguagem/PROFLETRAS e Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/PPGEL/UNEMAT. É Sócia Efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres e da Academia Mato-Grossense de Letras; Líder do Grupo de Pesquisa "Questões históricas e compreensão da literatura brasileira" (CNPq/UNEMAT/2002). Integra os Grupos: RG Dicke de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso (CNPq/UFMT). É autora de Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso (Cuiabá: EdUFMT, 2013) e Discurso de constituição da fronteira (www.unemat.br/publicações/e-book, 2017), além de artigos em periódicos e coletâneas nacionais e internacionais.

ENTRE RUÍNAS, REVELAÇÃO E EXPERIÊNCIA POÉTICA

No contemporâneo das urgências e da fluidez, pensar o objeto artístico-literário implica refletir sobre o ser humano em suas tensas relações na sociedade. Perante as assimetrias que privilegiam a produção do eixo hegemônico, em detrimento da produção das "margens", as urgências se pautam nas diferenças e no reconhecimento dos sujeitos, frutos das identidades híbridas, mestiças, fronteiriças. Os *loci* diferenciais de enunciação tendem hoje a deslocar o foco da análise convencional, buscando a estética questionadora da tradição. A contemporaneidade caleidoscópica, com predomínio das mídias, das redes sociais e dos debates sobre o futuro do escritor, do leitor e da própria literatura, impõe a sobrelevação dos apagamentos históricos. Até que ponto o projeto literário (ou profético), de um escritor, toma a palavra como instrumento de luta, de denúncia e de transformação social? Tematizar os problemas sociais inscreve o político na poesia, marcando o espaço da libertação pela palavra? Se o poeta-profeta é aquele que "grita com os olhos", está atravessado por um projeto de natureza ética que comporta certa visão do homem e do mundo. Então, a literatura se anuncia e se autodefine pelos fins que persegue no mundo, em movimento, muitas vezes, circular? Ao projetar sonhos, aspirações, imagens de um mundo possível, a poesia convoca e une forças em prol de uma luta comum. Está entre as ruínas e a revelação, entre a política e a subjetividade, a tensão e a intenção. Nesse sentido, palavras são estilhaços. Esbarram nos silenciamentos coletivos. Muitas causas valem por uma vida; outras, são mais que a própria vida. Pelas causas se constroem imagens que se cristalizam e se transformam em lugares de memória. É, como escreve Pedro Casaldáliga (*Cantigas menores*, p. 60), "fazer do povo submisso/ um povo impaciente. Fundir os muitos córregos/numa torrente". Pura força telúrica em que o *direito à literatura* se amplia para o *direito de dizer*. É o papel ressignificador de homens e mulheres, mas também de uma geografia.

Estaria a obra de Casaldáliga entre a dimensão profética e temporal? Na busca pela liberdade do povo, a força telúrica está em curso, é água corrente, metaforizada no e pelo sentimento, mas é também enunciação. Tanto a linguagem quanto a dialética humana acercam-se das condições de produção capazes de dar sentido às manifestações (e revelações). Vai o poeta, fica a obra para desordenar a realidade e/ou reinventar as experiências pessoais no horizonte do que se concebe como mundo.

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

01.

[...]
No campo, na mata, no cerrado e na caatinga,
Nos lagos e nos rios,
Violados pelo arame farpado do latifúndio,
Pelos agrotóxicos assassinos,
Pelo maquinário das madeireiras e mineradoras
E pelos projetos faraônicos
Das monoculturas, das barragens,
Das hidrovias, das hidrelétricas,
Sejamos "o novo":
O antigo jeito novo de zelar da Terra
Como de uma esposa-mãe.
Salvemos dos transgênicos
E de toda manipulação suicida a biodiversidade.
Agasalhemos a vida e o cosmo
Como se agasalham, nos ninhos, as asas do futuro
[...]

(Cantemos ao Deus da novidade, de *Orações da caminhada*, Verus Editora,2005)

Foram mantidas as grafias originais conforme as publicações.

02.

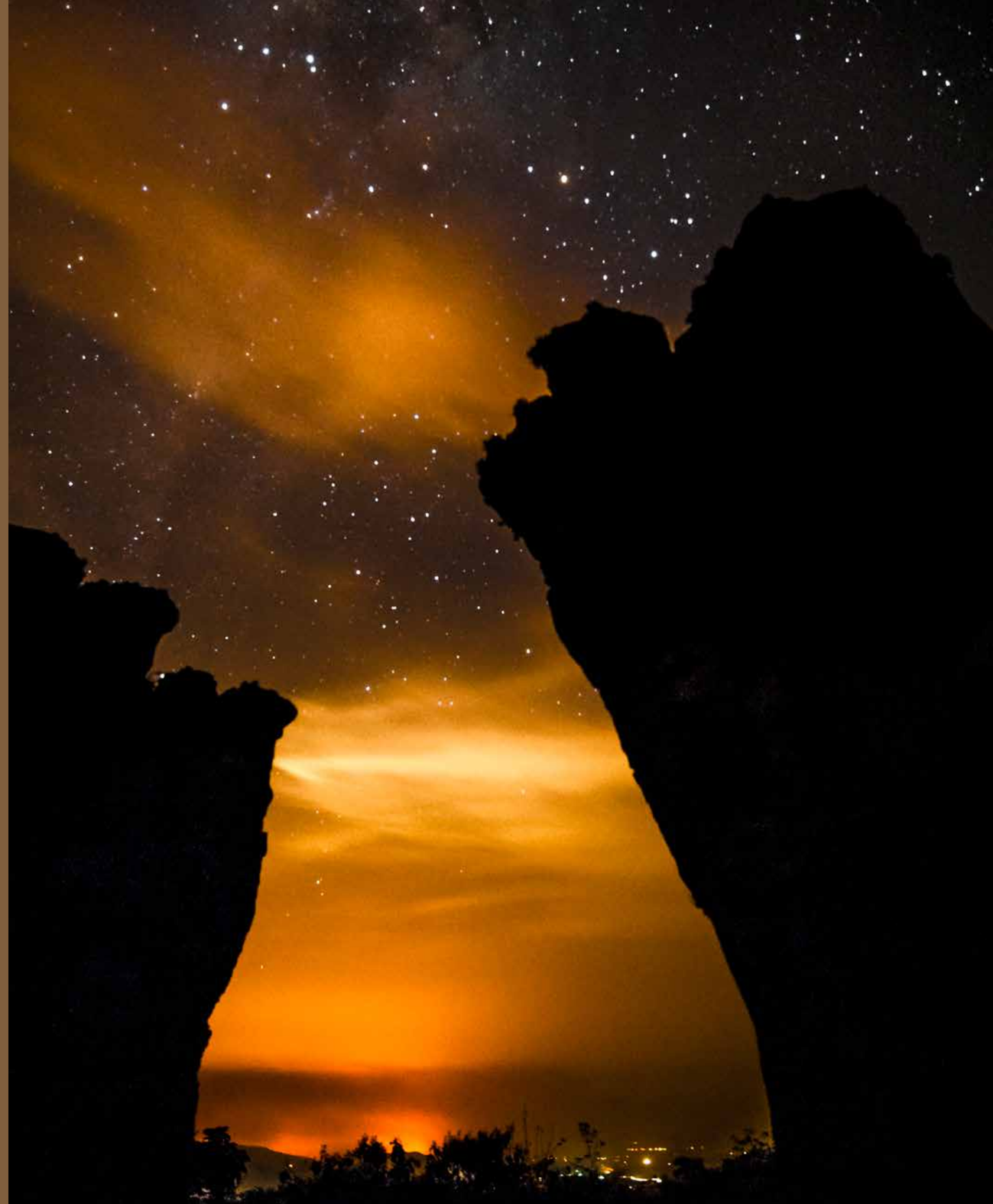
Quero escrever a alma desta hora,
como quem prega na lapela de festa
a borboleta última
– creme, limão, canário –
que acaba de pulsar entre meus olhos
bêbados de formosura...
A beleza perfeita destas águas amigas;
a vida exuberante da floresta múltipla:
o sarã rasteiro chapinhando,
o alto louro moço,
a imbaúba – figueira de lapela virada,
o vermelhão estendido
e a taboca fiandeira
de filamentos amarelos e de lancetas verdes-claras.
Revoa um papagaio, travesso de alegria.
Cruzamos ilhas, lagos, enseadas.
As nuvens lassas dão ao rio quieto
um tom de transida madrepérola.
E o sol do Mato Grosso faz-se tíbio
para não calcinar tanta beleza.

O barco pára. Falam os meninos
do tão falado amor.
E riem duas mocinhas morenas, na margem,
descalças, despenteadas,
pura beleza índia em bruto.
Outra vez se adiou o casamento!

Ronca o motor de novo. A menina
de mil sangues cruzados
– Ásia, África, Europa: Ó América!
me sorri, com dentes espaçados
e umas tranças minúsculas,
emoldurada na luz pela janela
aberta à flor do rio.

Depois entre as páginas do livro
– a palavra e a margem paralelas –
uma inhuma no peitilho branco
alça o vôo, inefável, desta areia
eriçada de um verde calafrio.

(Beleza perfeita, de A*ntologia Retirante*, Civilização Brasileira, 1978)



03.

Chegávamos a um mundo sem retorno.

(*Creio na Justiça e na Esperança*, Civilização brasileira, 1979).

04.

Cortando a floresta, na baixada escura,
e cúmplice o vaivém dos palmeirais,
a terra arroteada pelo trator paulista:
vermelha, roxa, amarela, cinza, creme, branca.
Com um ferraz olor de menina núbil,
de carne ferida e limpa,
de virgem parturiente.

Terra amor e cobiça.
Terra de lavradio.
Terra de latifúndio.
Terra de estrada.
Terra de sepultura.

(Terra aberta, de A*ntologia Retirante*, Civilização Brasileira, 1978)

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

05.

Embiruçu
Calado e nu.

Sertão bravio,
terra queimada:
o desafio
da retirada.

A Lei esquece
e o Lucro manda.
Mas quem merece
teimando cresce
nesta demanda.

Embiruçu
teimando nu.

(Embiruçu, de A*ntologia Retirante*, Civilização Brasileira, 1978)

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

06.

Eu morrerei de pé como as árvores.
Me matarão de pé.

O sol, como testemunha maior, porá seu lacre
sobre meu corpo duplamente ungido.

E os rios e o mar
serão caminho
de todos meus desejos,
enquanto a selva amada sacudirá, de júbilo, suas cúpulas.

Eu direi a minhas palavras:
-Não mentia ao gritar-vos.
Deus dirá a meus amigos:
-Certifico
que viveu com vocês esperando este dia.

De golpe, com a morte,
minha vida se fará verdade.
Por fim terei amado!

(Profecia extrema, de A*ntologia Retirante*, Civilização Brasileira, 1978)

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

07.

"Perder a terra, perder a língua, perder os costumes, é perder o chão da vida, deixar de ser. Deixar de ser aquele Povo e, geralmente, deixar de ser mesmo. Quem não respeita uma Cultura, quem age etnocentricamente, 'escraviza', sim."

(Excerto de, de *Missa da Terra sem Males*, Tempo e presença, 1980)

08.

Réplica vegetal da teimosia
do Povo sertanejo,
os paus deste cerrado a sol batido,
duros sobreviventes.

(Cerrado, de *Cantigas Menores*, Projornal, 1979/
Reeditado em 2003 pela UCG)

09.

A Mata ficou torrão,
o Campo virou Empresa
e a Cerca cerca o país.
Natureza e lavrador
foram-se embora daqui.

(Desolação, de *Cantigas Menores*, Projornal,
1979 / Reeditado em 2003 pela UCG)

10.

Nascer e morrer
é fácil.
O difícil é viver.

(Hai-kai do sertão, de *Cantigas Menores*, Projornal,
1979 / Reeditado em 2003 pela UCG)

11.

"É proibido jogar lixo"...
Pode-se jogar
gente.

(Placa de subúrbio, de *Cantigas Menores*, Projornal,
1979 / Reeditado em 2003 pela UCG)

12.

"Enfrentam a doença própria e alheia com grande sangue frio e a suportam como um mal contra o qual não vale a pena lutar. O mesmo se diga em relação à morte que eles "acolhem" como a chuva depois da seca. Nem mesmo o choro é comum. É um povo sofrido de verdade. Só mesmo quem testemunha pode falar e o faz com grande angústia, percebendo a vida infra-humana desta gente, que não tem consciência dos seus próprios direitos de pessoa humana."

(Excerto de, *Uma igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social*, s/n, 1971)

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

13.

[...]
E nós te violamos
ao fio das espadas,
no fogo do arcabuz
queimamos teu sossego.
E nós te escravizamos.
E nós te sepultamos
nas fendas dos garimpos.

E dobramos o teu corpo
sob os canaviais.
E te jogamos contra
as árvores amadas,
para cortar madeira,
cortando o teu espírito,
o cerne do teu Povo.
[...]
E nós te depredamos,
desnudando as florestas,
calcinando teus campos,
semeando veneno
nos rios e no ar,
a Terra generosa
separando por cercas,
os homens contra os homens:
para engordar o gado
da fome nacional,
para plantar a soja
da exportação escrava.

(A terra dos males sem fim, de *Ameríndia Morte e Vida*, Vozes, 2000)

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

14.

Chegam, por fim, as chuvas.
Chora o deus das chuvas aqui também, talvez.

Leitosidade total, escurecida luz, sem hora alguma,
sem horizonte; rio, terra e céu
fundidos em um halo.

Com gaivotas ainda, desparafusando-se
sobre as praias de água, que o rio abre em seus seios
para acolher o vento cúmplice.

A chuva bate, chia e chapinha
na água, na terra, nos telhados,
nas árvores apenas suspeitadas.

Chove chuva na chuva,
Torna a chover, um dia e outro dia.
Hoje é a orchata cósmica.
Passa um homem molhado, como um mito.
Lavam roupa na chuva, as mulheres,
com as roupas vestidas,
lavando-se no rio e na chuva.

Um cavalo, assustado, sem destino
__cinzas empanadas __
olha não sabe onde,
nem sabe bem o que espera,
É carne do sertão: está molhando-se,
Impotente e anônimo...

Entre o cruzeiro seco e a verde mangueira exuberante,
levanta uma árvore em flor, toda só flor,
a bandeja carmim de sua alegria.

Piam os pardais
no ninho de casa que alugaram sem recibo e sem licença.

Chove. Torna a chover. Continua chovendo.
Será dia ainda?

Chove tão manso agora
que se empapam as coisas, com a alma,
de uma graça de Deus, feita batismo agreste.

Três barcos, na água e na areia,
como sapatos velhos, se molham tão submissos.

E o céu, como um mármore.

Chove,
Chove...
Esta chuva,
que chega,
de súbito,
como um trem desconhecido,
invadindo tudo loucamente!

(As Chuvas, de A*ntologia Retirante*, Civilização Brasileira, 1978)

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

15.

"Nos primeiros meses, Manuel e eu viramos enfermeiros, guiando-nos, um pouco às cegas, pelas bulas dos remédios. Pudemos comprovar de perto a presença múltipla, avassaladora, da doença e da morte na região. [...] Na primeira semana da nossa estada em São Félix, morreram quatro crianças e passaram por nossa casa em caixas de papelão, como sapatos, em direção daquele cemitério sobre o rio, onde posteriormente haveríamos de enterrar tantas crianças [...] e tantos adultos – mortos ou matados – talvez sem caixão e até sem nome"

(Excerto de, *Creio na Justiça e na Esperança*,
Civilização brasileira, 1979).

16.

"começamos a sentir o problema da terra. Ninguém tinha terra própria. Ninguém tinha um futuro garantido. Todo mundo era retirante, emigrante de outras áreas do país já castigadas pelo latifúndio"

(Excerto de, *Creio na Justiça e na Esperança*,
Civilização brasileira, 1979).

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

17.

"Mato Grosso era e ainda é uma terra sem lei. Alguém o tinha classificado como o Estado-curral do Brasil. Não encontramos nenhuma infra-estrutura administrativa, nenhuma organização trabalhista, nenhuma fiscalização. O Direito era do mais forte ou do mais bruto. O dinheiro e o 38 se impunham. Nascer, morrer, matar, esses sim, eram os direitos básicos, os verbos, conjugados com uma assombrosa naturalidade.

[...]
Eram os peões, carne de carregação, trabalhadores braçais, comprados fraudulentamente no Norte e no Centro do País e descarregados para os trabalhos de derrubadas e plantação de pastos, nessas infinitas fazendas de centenas de milhares de hectares, verdadeiros campos de concentração.

[...] peões enganados, controlados a revólver, espancados, feridos ou mortos, cercados na floresta, em total desamparo de qualquer lei, sem nenhum direito, sem saída humana."

(Excerto de, *Creio na Justiça e na Esperança*, Civilização brasileira, 1979).

18.

"E à medida que íamos chegando, invadia-me o dever, a amargura, a foça solidária do problema da terra. Essa palavra crescia em mim como um crime."

(Excerto de, *Creio na Justiça e na Esperança*, Civilização brasileira, 1979).

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

19.

"Nada dessa terra ou desses homens nos é indiferente. Denunciamos fatos vividos e documentados. Quem achar infantil, distorcida, imprudente, agressiva, dramatizante, publicitária, a nossa atitude, entre na sua consciência e leia com simplicidade o Evangelho; e venha morar aqui, neste sertão, três anos, com um mínimo de sensibilidade humana e de responsabilidade pastoral."

(Excerto de, *Uma igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social*, s/n, 1971)

20.

"Duas mulheres, sobretudo, dona Margarida e dona Santana, estavam sofrendo na delegacia, impotentes, e sob torturas – um dia sem comer e beber, de joelhos, braços abertos, agulhas na garganta, sob as unhas – essa repressão desumana.
Eram mais de seis horas da tarde, e seus gritos se ouviam da rua: 'Não me bata!

[...]
A escuridão que chegava, a areia da rua, o terror perceptível no ar, no silencio, nos acompanharam.

[...]
Quando o padre João Bosco disse aos policiais que denunciaria aos superiores dos mesmos as arbitrariedades que vinham praticando, o soldado Ezy Ramalho Feitosa pulou até ele – três metros apenas – dando-lhe uma bofetada fortíssima no rosto. Inultimente tentei cortar aí o impossível diálogo: 'João Bosco vamos...' O soldado, seguidamente, descarregou também no rosto do padre um golpe de revólver e, num segundo gesto fulminante, o tiro fatal, no crânio [...] O ar congelou-se, e a noite."

(*Creio na Justiça e na Esperança*, Civilização brasileira, 1979).

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

21.

Para descansar
eu quero só
esta cruz de pau
como chuva e sol,
estes sete palmos
e a Ressurreição!

Mas para viver
eu já quero ter
a parte que me cabe
no latifúndio seu:
que a terra não é sua,
seu doutor Ninguém!
A terra é de todos
porque é de Deus!

Para descansar...

Mas para viver,
terra eu quero ter.
Com Incra ou sem Incra,
com lei ou sem lei.
Que outra Lei mais alta
já a Terra nos deu
a todos os pobres
sem voz e sem vez;
que os filhos da gente
são gente também!

Para descansar...

Mas para viver,
terra exijo ter.
Dinheiro e arame
não nos vão deter,
Mil facões zangados
cortam pra valer.
Dois mil braços juntos
cercam terra e céu.

Para descansar...

Mas para viver,
terra e liberdade
eu preciso ter.
E não peço esmola
nem compro o que é meu.
A Sudam e o diabo
podem se vender:
gente não vende,
nem se compra Deus!

(Cemitério de sertão,
de *Antologia Retirante*,
Civilização Brasileira, 1978)

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

Aruã Callii

22.

"aliciados fora, são transportados em avião, barco ou pau-de-arara para o local da derrubada. Ao chegar, a maioria recebe a comunicação de que terão que pagar os gastos de viagem, inclusive transporte. E já de início têm que fazer suprimento de alimentos e ferramentas nos armazéns da fazenda, a preços muito elevados. [...]
Para os peões não há moradia. Logo que chegam, são levados para a mata, para a zona da derrubada onde tem que construir, como puderem, um barracão para se agasalhar, tendo que providenciar sua própria alimentação. As condições de trabalho são as mais precárias possíveis. [...]
O peão depois de suportar este tipo de tratamento, perde sua personalidade. Vive, sem sentir que está em condições infra-humana. Peão já ganhou conotação depreciativa por parte do povo das vilas, como sendo pessoa sem direito e sem responsabilidade. Os fazendeiros mesmo consideram o peão como raça inferior, como o único dever de servir a eles, os "desbravadores". Nada fazem pela promoção humana dessa gente. O peão não tem direito à terra, à cultura, à assistência, à família, a nada. É incrível a resignação, a apatia e paciência destes homens, que só se explica pelo fatalismo sedimentado através de gerações de brasileiros sem pátria, dessas massas de deserdados de semi-escravos que se sucederam desde as Capitanias-Hereditárias"

(Excerto de, *Uma igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social*, s/n, 1971)

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

23.

"Ontem, a uma da tarde, morreu o peão Antônio Barbosa de S. Miguel do Araguaia, aquele rapaz de 21 anos que a Irmãzinha e do Didi levaram a Sta Isabel. Morreu de malária, com tifo parece. E tivemos de enterrá-lo urgentemente, enquanto caía a tarde... Eu tinha enrolado o cadáver com panos que sobraram dos uniformes do Ginásio e que tinham servido de cortina e de tela. Levamos Antônio de jipe ao cemitério. Acompanharam-nos um boiadeiro, "o Cearense" e dois peões. Pedi, a eles e aos coveiros, que nos sentíssemos pais, irmãos, amigos, daquele pobre moço abandonado que ia ser enterrado até mesmo sem caixão. Enquanto eu rezava a oração da sepultura, a passarada do piquizeiro começou a cantar. Todo um acúmulo de sentimentos – ira, compaixão, esperança, pobreza – me subiu à garganta e a voz se me quebrou em pranto. Ficava no ar da tarde, ameaçante de nuvens e relâmpagos, uma poderosa verdade: Eu sou a Ressurreição e a Vida... Joguei terra sobre o cadáver. Eu queria solidarizar-me com Antônio, com todos os peões, com todos os injustiçados do mundo. Contra o supersticioso costume desta região de sepultar com o rosto virado para o rio, Antônio foi enterrado de cara para as fazendas. Como uma acusação. De cara para o morro e para o céu também..."

(Excerto de, *Creio na Justiça e na Esperança*, Civilização brasileira, 1979).

24.

"Daqueles dias, trago a imagem de uma árvore que queimamos involuntariamente, como quem carrega o remorso de um homicídio. Digo isto para explicar como me doíam, à minha chegada em Mato Grosso, os infinitos tocos das queimadas do latifúndio."

(Excerto de, *Creio na Justiça e na Esperança*, Civilização brasileira, 1979).

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

25.

[...]
Tijolo trás tijolo, cresce o Povo.
Cada golpe de enxada
Abre um seio de vida.
Brotam as margaridas da
Utopia invencível.
A panela crivada,
Alvo do latifúndio,
Vira um cálice cheio de Promessa
[...]

(Eucaristia, dom de Deus, fruto do trabalho, de *Murais da Libertação*, Edições Loyola, 2005)

26.

[...]
As ferramentas gritam
a força do trabalho organizado,
o fraterno poder das mãos unidas.

Bem por trás da cadeia, derrubada
a golpes de teimosa rebeldia,
vinga a aurora do Reino.
E as cercas da cobiça se retorcem,
cortada pela marcha justiceira.

Ainda há torturados
nas masmorras da noite.
Há desaparecidos,
nos cúmplices silêncios.
Inutilmente, império, inutilmente!
Nossos caídos tombam
com a flor da esperança
nas mãos ressuscitadas.
nossos mortos caminham,
arrastando consigo a História Nova.
contra os berros da morte,
as palavras da vida:
Terra! Libertação!

(O maior amor, de *Murais da libertação*, Edições Loyola, 2005).

27.

Esta é a Terra nossa:
a Liberdade,
humanos!

Esta é a Terra nossa:
a de todos,
irmãos!

A Terra dos Homens
que caminham por ela,
pé descalço e pobre.
Que nela nascem, dela,
para crescer com ela,
como troncos de Espírito e de Carne.
Que se enterram nela
como semeadura
de Cinzas e de Espírito,
para fazê-la fecunda como uma es-
posa mãe.
Que se entregam a ela,
cada dia,
e a entregam a Deus e ao Universo,
em pensamento e suor,
em sua alegria,
e em sua dor,
com o olhar
e com a enxada
e com o verso...

Prostitutos cridos
da mãe comum,
seus malnascidos!

Malditas sejam
as cercas vossas,
as que vos cercam
por dentro,
gordos,
sós,
como porcos cevados;
fechando,
com seu arame e seus títulos,
fora de vosso amor,
aos irmãos!
(Fora de seus direitos,
seus filhos
e seus prantos
e seus mortos,
seus braços e seu arroz!)

Fechando-os
fora dos irmãos
e de Deus!

Malditas sejam
todas as cercas!
Malditas todas as
propriedades privadas
que nos privam
de viver e de amar!
Malditas sejam todas as leis,
amanhadas por umas poucas mãos
para ampararem cercas e bois
e fazer a Terra, escrava
e escravos os humanos!

Outra é a Terra nossa, homens, todos!
A humana Terra livre, irmãos!

(Terra nossa, Liberdade, de *Antologia Retirante*, Civilização Brasileira, 1978)

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

28.

Cidade
corrompe
o ar do desejo.
O Campo
redime
na livre pobreza do Vento.

(Cidade e Campo, de *Cantigas Menores*, Projornal,
1979 / Reeditado em 2003 pela UCG)

29.

As janelas dos prédios
no espaço invadido
se olham sem se ver.

As ruas se entrecruzam
sem nunca se encontrar,
transbordando de homens.

E sob um sol ausente de si mesmo,
o ar se está afogando
e está morrendo o Homem.

(Megalópole, *de Cantigas Menores*, Projornal,
1979 / Reeditado em 2003 pela UCG)

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

30.

Peão,
pião,
não está,
não é,
madeira de sorte,
na roda da Morte,
girando à mercê
da mão empreiteira,
da farra matreira,
da louca peixeira...

Pião à mercê,
que não está,
que não é
... e quase já era!

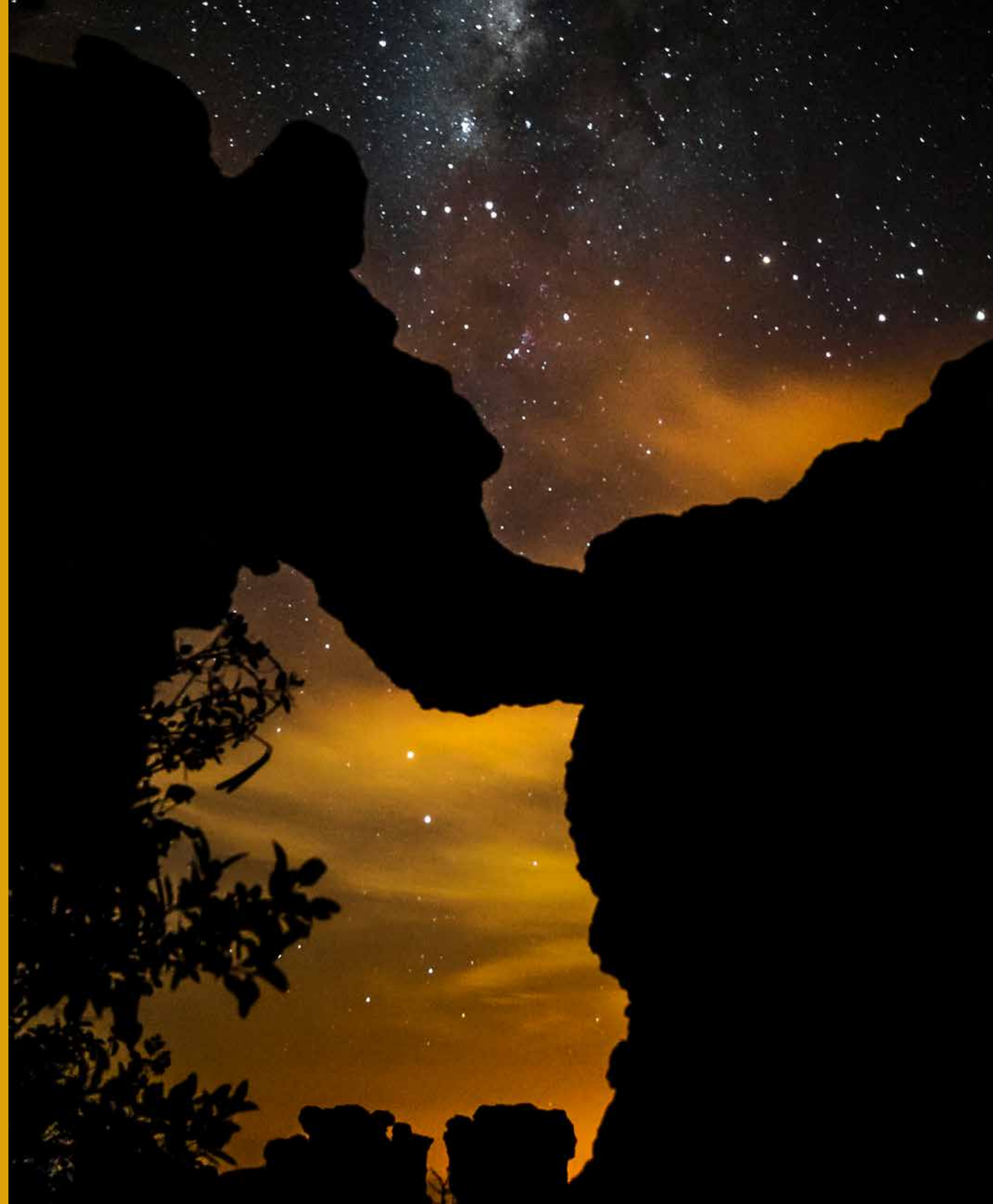
(Peão do Trecho, de *Cantigas Menores*, Projornal,
1979 / Reeditado em 2003 pela UCG)

31.

- Quando acabar esta mata verde,
eu vou entregar às chamas
o meu vestido amarelo...

(Hai-kai da borboleta nacionalista, de *Cantigas Menores*,
Projornal, 1979 / Reeditado em 2003 pela UCG)

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.



32.

De longe,
toda montanha é azul.
De perto,
toda pessoa é humana.

(Perspectiva, de *Cantigas Menores*, Projornal,
1979 / Reeditado em 2003 pela UCG)

33.

Toda noite é a primeira,
diamante pontual
à minha alma garimpeira.

(Vênus, de *Cantigas Menores*, Projornal, 1979
/ Reeditado em 2003 pela UCG)

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

34.

Por onde passei,
plantei
a cerca farpada,
plantei a queimada,
Por onde passei,
plantei
a morte matada.
Por onde passei,
matei
a tribo calada,
a roça suada,
a terra esperada...
Por onde passei,
tendo tudo em lei,
eu plantei o nada.

(Confissão do Latifúndio, de *Cantigas Menores*,
Projornal, 1979 / Reeditado em 2003 pela UCG)

35.

A Utopia é possível
se nós optamos por ela,
vencendo o passado escravo,
forjando o duro presente,
forçando o novo amanhã.

(A utopia é possível, de *Cuia de Gedeão* , Vozes, 1982)

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

37.

Enterrem-me no chão
como tanto peão
que tombou nesta guerra:
sem nome e sem caixão.
Só reivindico o póstumo direito
de sentir liberada toda a terra
sobre o cartório comunal do peito.

(Enterrem-me no chão, *de Águas do tempo*,
Fundação Cultural de Mato Grosso, 1989).

38.

Roubaram as terras índias
e batizam as fazendas
com nomes índios ausentes.

Aritana, onde estás?

Debaixo da terra os mortos
pedem os cantos da tribo...
e só respondem os bois
calçando a paz invadida.

Aqui, onde a mata um dia
erguera seus arcos verdes,
se alastra o capim exangue.

O sol, que foi testemunha,
se vinga no chão despido.

E pela estrada invasora
a siriema costura
um telegrama impotente

(Roubaram as terras índias, de *Águas do tempo*,
Fundação Cultural de Mato Grosso, 1989).

39.

Eu
e tu, Araguaia,
somos um tempo só.

Abraamicamente numerosas
nos garantem os sonhos
as estrelas, lá fora proibidas.

O ipê batiza ainda com outros gratuitos
o silêncio
que nós, ô Araguaia,
conseguimos salvar dos invasores...

Sempre ainda encontramos, eu e tu,
a pergunta inquietante de uma garça, na bei-
ra,
provocando respostas, acordando o mistério...

De acordo com a lua, sacerdotisa virgem,
tu estavas, no princípio,
alfombrando as cadências do Aruaná sagra-
do.

Os potes karajá recolhiam teus olhos desleí-
dos
e os peixes costuravam de prata teu banzeiro.

Ainda o Padim Ciço
não mostrava aos pobres nordestinos
essa Bandeira Verde
inconquistável...

Não havia Funai,
Sudam,
nem Incra.

Eram
Deus
e as aldeias.

(Eu e tu, Araguaia, de *Versos adversos*, Perseu Abramo 2006)

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

40.

Nossas vidas são os rios.
Minha vida é este Araguaia!
Indescritível,
indecifrável.
Que se ama e se agradece, e se teme e deseja;
ao qual se volta sempre,
como a um lar, fatídico e feliz.

Exuberante e cruel,
maravilhosa,
a multiforme fauna,
presente ainda, condenada ao extermínio?
Os jacarés espichados, que atenazam o sol,
As placas insidiosas das arraias.
As piranhas que serram carne viva.
E os peixes elétricos,
estalando a morte.
E os peixes de todos os tamanhos e luzes,
vorazes ou pacíficos.
miúdos,
brincalhões,
voadores.
Os peixes que dão vida,
holocausto à brasa e à pimenta.
Os pássaros, vestidos a rigor,
senhores,
diplomatas.
Essa fileira de patos colegiais,
que espera por um ônibus ali na margem...
E, de súbito, o pulsar
frágil de uma canoa.

E as nuvens, acima,
cansadas e fecundas.
As famílias que chegam, retirantes;
os enfermos que vão à deriva;
as cargas, e as cartas trêmulas;
as mulheres batendo a trouxa indiscreta;
os homens na popa, os homens no remo;
e os meninos banhando-se,
somando-se às águas, como peixes.
E eu, pela manhã, lavando-me do sono
com o espelho incandescente ao sol da outra margem;
eu, pela tarde, entrando,
reverente, estrangeiro,
vestido pela luz poente e pura
na liturgia destas grandes águas...

(Nossas vidas são os rios..., de Antologia Retirante, Civilização Brasileira, 1978)

41.

[...]
Nas trevas da mentira
a máquina do lucro,
a fome do poder,
os ídolos da Morte.
Diante deles caem
Os joelhos incautos.
Eles vêm massacrando
teus anônimos filhos sem defesa.
[...]

(O Reino e o Anti-Reino, de *Murais da Libertação*, Edições Loyola, 2005)

42.

Entre o seu olhar frio
e o meu misto quente
o menino enfiou-me em desafio
sua fome impotente.

(*Versos Adversos*, Perseu Abramo, 2006)

Pedro Casaldáliga
Dom Pedro Casaldáliga (1928 /Balsareny – 2020/Brasil) foi enviado ao Brasil em 1968 como padre da Missão Claretiana. Em 1971 foi nomeado primeiro bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, região nordeste do Mato Grosso. No ano de 2005, acometido do mal de Parkinson, apresenta sua renúncia a Santa Sé, permanecendo como bispo emérito até sua morte por complicações de saúde na cidade de Batatais-SP. Pedro, como gostava de ser chamado, deixa uma vasta produção literária e documental. Seu legado intelectual e solidário pode ser contemplado pelas lutas que empreendeu e através de instituições que tornarem-se referência na luta pelos direitos humanos.

Aruã Callil
Artista Convidado

BIOGRAFIA

Os primeiros cliques de Aruã Callil foram feitos ainda menino, quando estudava no Colégio São Gonçalo, com câmeras amadoras dependentes de filmes de rolo para os registros de luz. Ainda, claro, sem a mínima noção da influência e proporção que a fotografia iria tomar em sua vida.

Acabou por ir morar nos Estados Unidos e lá resolveu dedicar-se com mais afinco ao estudo da arte. Em companhia da mãe e do irmão, partiu em uma road trip de costa a costa e, durante esse período, terminou por capturar as imagens que comporiam sua primeira série exposta.

Nessa viagem norte-americana, havia de tudo um pouco: praias e museus na Califórnia, a ponte Golden Gate, o Grand Canyon e diversas outras paisagens, todas filtradas pela inquietude e desejo artístico do jovem. Sobre as influências, cita Sebastião Salgado, mas se mostra atento ao trabalho de fotógrafos locais.

Para o futuro, a ideia é voltar as percepções para uma série urbana, deixar de lado um pouco a harmonia (ainda que violenta por vezes) da natureza para focar na desordem e caos urbanos. “Comecei a me aventurar por cenas de Cuiabá. Quero adentrar em percepções mais geométricas, deixar essa realidade que dá pra se ver, um morro, uma cachoeira, pois quero algo mais abstrato. Algo que Cuiabá proporciona muito no ambiente urbano”.

Edson Flávio dos Santos
Edson Flávio é cacerense, doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL/UNEMAT) e pesquisador na área de Literatura. É autor de Aldrava (2020) e escreve desde quando descobriu seu amor pela poesia.

VERSOS ADVERSOS: A POESIA EM EBULIÇÃO DE PEDRO CASALDÁLIGA

Pere Casaldálgia i Pla, Pedro Casaldáliga ou simplesmente Pedro é espanhol e vive em Mato Grosso, desde a década de 70, contabilizando umas dezenas de obras escritas entre poemas, cartas, diários e outros. Apesar das décadas em que sua presença pode ser percebida nas letras, no entanto não foi por esse aspecto que ficou conhecido na história desta porção do Brasil. Suas opiniões divergentes sobre a atuação dos "poderes", especificamente na região do Araguaia, não agradou a muitos. E isso lhe rendeu ameaças de morte e cerceamentos.

Ordenado padre pouco mais de uma década antes de sua chegada, Pedro Casaldáliga vem para o Brasil enviado de forma missionária pela Congregação dos Claretianos. Ao adentrar o interior do país, experimenta um cenário de destruição ecológica, empobrecimento e negação de direitos imposto pela ditadura e pelo modelo econômico da época.

Mato Grosso era um grande latifúndio. Terra de ninguém que mais parecia saído de uma cena de filmes de "far west", como proferiu Casaldáliga algumas vezes. Os diários escritos por ele dão conta de registrar seus primeiros dias, meses e anos nesse rincão. As distâncias explicavam todas as ausências, parafraseando o catalão.

Em sua atuação apostólica de padre e depois como bispo, às vezes, não conseguia expurgar o mal que via, que vivia, que ouvia. A poesia de Pedro Casaldáliga surge, então, como aliada, como bálsamo, como grito, como bandeira e arma de luta. A poesia enquanto liberdade e revolução.

PEDRO E A POESIA EM MATO GROSSO

Na obra *História da Literatura de Mato Grosso – Século XX* (2001), Hilda Magalhães afirma que a literatura produzida por Pedro Casaldáliga é "uma poética que luta contra o silêncio e a dominação" (p. 280). A autora pontua ainda que a escrita de Casaldáliga é "testemunho de luta e de resistência" (p. 280) caracterizando-o, pela divisão da obra em questão, como um autor contemporâneo que, diante dos problemas que afligem a Região do Araguaia, encontra na poesia uma condição de dar voz aos posseiros, indígenas, negros e todos àqueles que são explorados pela máquina do lucro e do poder.

A partir dessa concepção é possível perceber que a literatura produzida pelo autor se firma não só como obra de arte literária, mas como "um verdadeiro arquivo da história do Estado de Mato Grosso"(SOUZA & REIS, 2014, p. 17) a duras penas conhecida pelos próprios mato-grossenses, principalmente estudantes dos cursos de letras. Salvo alguns raros cursos e professores que incluem sua poesia nos curriculuns universitários.

Pedro Casaldáliga teve apenas uma única obra poética publicada em Mato Grosso: Águas do tempo (1989). Embora seus poemas apareçam em obras esparsas e com outros autores, comparada às outras publicadas apenas com poemas de Casaldáliga, esta é a primeira antologia de textos do autor, publicada em Cuiabá, bem como em todo o estado. Tal obra foi organizada pela, então, Fundação Cultural de Mato Grosso e pela Editora Amazônida, nomeações que, juntas, podem dar a dimensão de um projeto cultural que se pretendia desenvolver a partir de incentivos institucionais, aliados à possibilidade de parceria com as universidades públicas.

Merece destaque a entrevista com o autor, publicada na primeira parte da obra intitulado *Depoimento*. Nesta interlocução o autor deixa registrado quando começou a escrever, suas influências literárias e o qual o papel da poesia em sua vida. Quando perguntado "o que pode a literatura?" a resposta que se encontra é sua declaração: "tudo o que pode a palavra humana."

Essa palavra engajada fez com que Pedro Casaldáliga ganhasse notoriedade fora do país e em outros estados. Seu engajamento, além poesia, também foi decisivo para que sua voz fosse ouvida em outras instâncias que não as literárias. Essa atuação política pode ter sido um dos motivos que fizeram com que sua poesia fosse eclipsada durante tanto tempo e só recentemente, no final da década de 90 é que se iniciaram os estudos críticos sobre a obra do autor em Mato Grosso, primeiramente pela UFMT e em seguida pela UNEMAT, especificamente através das pesquisas do Programa de Pós Graduação em Estudos Literários/PPGEL.

PEDRO CASALDÁLIGA E A INTELECTUALIDADE BRASILEIRA

A percepção do potencial literário da obra de Casaldáliga já havia sido reconhecida pela intelectualidade do anos de 1970, principalmente quando Alfredo Bosi, então professor da USP escreve a primeira resenha de uma obra poética de Pedro Casaldáliga publicada no país. Nela, o crítico literário afirma que a poesia do autor é "um modo de trabalhar a realidade" (1978) por meio da "palavra e imagem, de ritmo e canto". Bosi ainda viria prefaciar uma outra antologia do autor: *Versos Adversos* (2005).

A resenha é publicada em 1978 na Revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, da qual Bosi fazia parte do Conselho Consultivo. O periódico completava parte do holl de publicações da editora Civilização Brasileira, uma editora que reunia diversos intelectuais da época e cumpria um papel importante na recuperação do país no pós-64. No ano anterior lançou o livro-depoimento de Pedro Casaldáliga intitulado *Creio na justiça e na esperança* (1977), uma espécie de autobiografia do autor, onde este narra, em forma de diário, partes de sua vida, do nascimento, vida na Espanha, chegada ao Brasil e início das atividades no Araguaia.

A resenha trata de *Antologia Retirante* (1978), nome da edição brasileira de *Tierra nuestra, libertad,* publicada pela Editorial Guadalupe, em Buenos Aires, no ano de 1974. No Brasil recebeu tratamento bilíngue, espanhol/português, com a tradução colaborada por Antônio Houaiss e prefaciada por Alceu Amoroso Lima, o "Tristão de Ataíde", membro da Academia Brasileira de Letras. A antologia reúne grande parte da obra poética do autor escrita até então. São poemas provenientes de diferentes publicações em espanhol: *Memoria de Uriel* (até 1964), *Llena de Dios y de los hombres* (1964-1966) e *Clamor Elemental* (1971), além de conter alguns poemas inéditos escritos apenas em português.

PEDRO E SUA POESIA HOJE

A poesia de Pedro Casaldáliga pode ser vista como marca indelével de um poeta que soube sentir as dores do povo e as dores da terra, mas não se furtou de exprimir de uma forma artística aquilo que lhe entrava pelos olhos e ouvidos.

Sua atuação na defesa dos valores e direitos dos seres humanos, operada muitas vezes na denúncia do desmatamento ilegal, expropriações de terra, bem como das situações de privação de uma parcela da população, funcionou de certo modo como um *leitmotiv* de sua poesia. Conceito que de modo algum fere o valor literário de suas obras, que são frutos, antes de tudo, da experiência revolucionária e também artística do autor, criando uma espécie de "situação-gênese" da obra, utilizando termo cunhado pelo crítico Emil Staiger (1997), na obra *Conceitos e Fundamentos da Poética*.

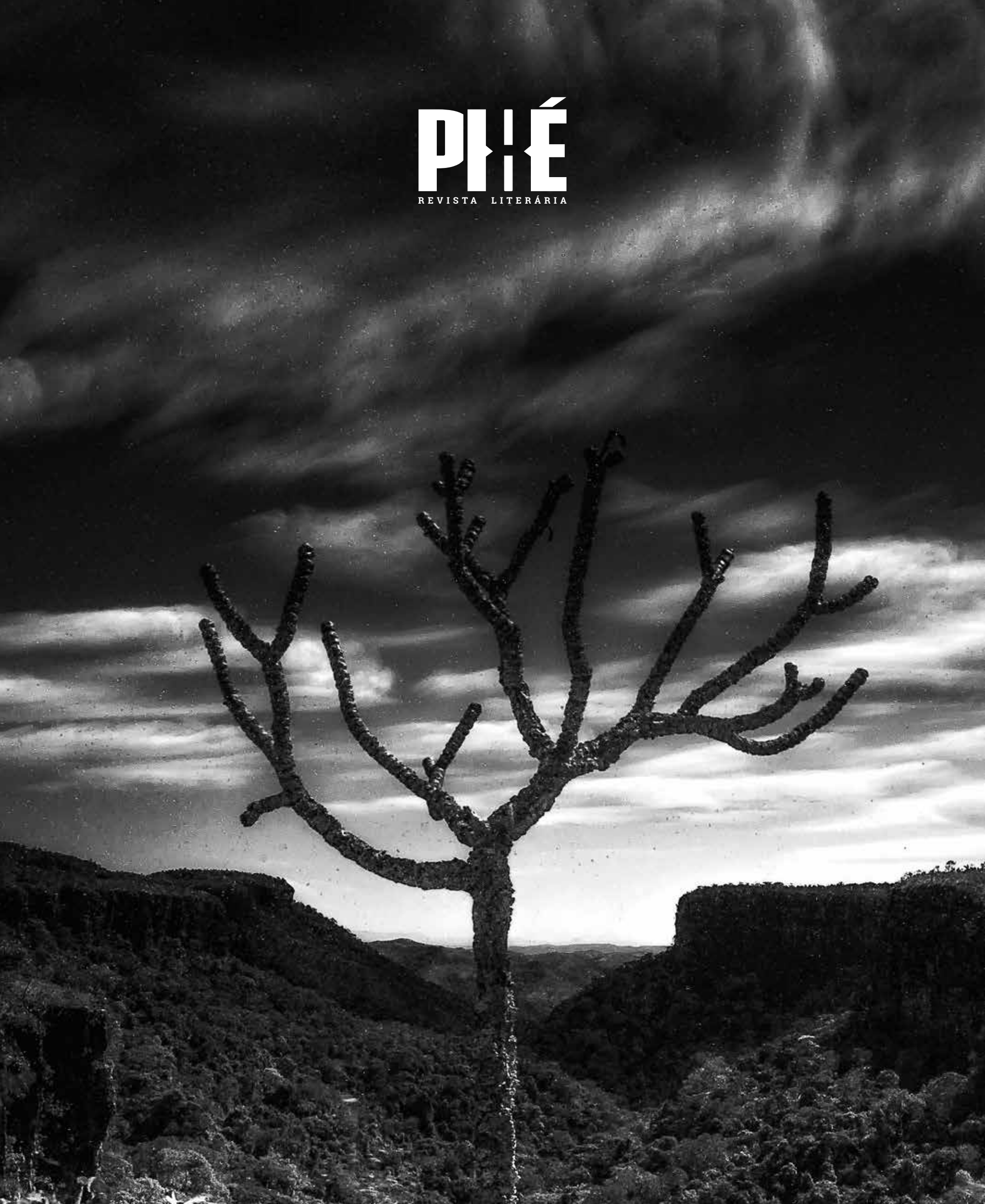
Para Staiger (1997), não é apenas o componente estético que imprime beleza à poesia, mas, principalmente, na força que a provocou e que ela carrega dentro de si. A poesia existe porque houve um desejo, ela não é obra do acaso ou da mera elaboração estética.

Na obra *Pedro Casaldáliga e a poética da emancipação* encontra-se a seguinte afirmação: "o poeta se recusa à produção de versos que nucleiam os próprios procedimentos, aqueles cujo fazer consiste na exploração de aspectos formais" (SOUZA & REIS, 2014, p. 47). Tem-se também a declaração deque o autor possui "devida preocupação formal" e que não abre mão da inventividade e uso criativo dos recursos estéticos, a fim de "valorizar a função poética da linguagem, sem, no entanto, abrir mão de seus valores humanos e transcendentes" (SOUZA & REIS, 2014, p. 48). Isto faz de Casaldáliga poeta comprometido, antes de tudo, com os seus semelhantes, em uma crítica real do presente.

Essa crítica "real" é a base de sua obra que funciona, no dizer de Antonio Candido (1982, p. 256), como "um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual". Pedro Casaldáliga não mascara a realidade, mas denuncia e anuncia um novo tempo cheio de esperança e libertação.

Nesta edição especial da Revista Pixé, veremos parte da produção poética desse autor que, passadas cinco décadas, ainda se percebe a atualidade de sua obra. Embora Pedro Casaldáliga esteja debilitado fisicamente e impossibilitado de desempenhar suas funções proféticas e literárias, seu legado poético ecoa como uma denúncia atual contra vilipêndios, sem precedentes, que sofreram e ainda sofrem parte da população, não só do Brasil, mas do mundo todo.

Edson Flávio Santos
Doutor em estudos literários
Pesquisador da obra de Pedro Casaldáliga

PIÉ

REVISTA LITERÁRIA